
REPRESENTATIVIDADE *DRAG* NA MÍDIA:

Um *case* de Pablo Vittar¹

Rafaela Coelho da ROSA²

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de explicar sobre a representatividade *drag* na mídia brasileira, mostrando o surgimento dessa cultura até o contexto atual. O texto irá abranger autores e teorias que analisam tal assunto e explicam o surgimento do nome, a história, as dificuldades enfrentadas, a ascensão das artistas e a luta diária por um lugar na sociedade e na mídia. Irá utilizar um *case* da artista brasileira Pablo Vittar, que surgiu nos últimos anos para demonstrar e aumentar tal representatividade do grupo na mídia brasileira e internacional. O artigo, ainda se propõe a analisar um vídeo sobre a opinião de Lorelay Fox, uma *drag queen* brasileira e *youtuber*, sobre a cantora e artista Pablo Vittar, usando está análise como metodologia de pesquisa. O trabalho pretende concluir sobre as principais importâncias e benefícios da representatividade LGBT, especificamente *drag* em toda mídia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: representatividade; *drag queen*; Pablo Vittar

O histórico da teoria *queer*

A teoria *queer* é desenvolvida a partir dos anos 90 por diversos pesquisadores e ativistas, muitos deles estadunidenses. O termo foi criado, em fevereiro de 1990, por Teresa de Laurentis em uma conferência na Universidade da Califórnia, com o propósito de teorizar sobre as sexualidades gays e lésbicas. Um grande obstáculo encontrado foi quanto a tradução do termo *queer* para a língua portuguesa. *Queer* pode ser traduzido como estranho, extraordinário. De acordo com Butler, umas das pioneiras da teoria *queer*, a prática linguística do termo tem a finalidade de danificar as pessoas as quais se refere. “*Queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58). Devido a isso,

¹ Trabalho submetido no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFPEL, e-mail:rafaela.cdarosa@hotmail.com.

a sugestão é fazer com que o termo tenha um novo significado, passando a compreender *queer* como um estilo de vida que se propõe a ser contra os padrões socialmente aceitos.

Nesse contexto, a maior dificuldade está na crítica que se construiu chamar de heteronormatividade homofóbica, defendida por aqueles que veem o padrão heterossexual como modelo único e saudável. Devido a isso os primeiros trabalhos sobre teoria *queer* mostraram que este modelo foi montado para normatizar as relações sexuais. Desse modo, os pesquisadores almejam desconstruir o argumento de que a sexualidade segue um ciclo natural.

A heteronormatividade manifesta o que seriam as obrigações sociais que surge da suposição da heterossexualidade como natural. Na definição de Lauren Berlant e Michael Warner:

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral. (BERLANT, 2002, p. 230).

Da mesma forma que um aglomerado de determinações que regula e controla processos sociais, a heteronormatividade marca até os que não se relacionam com o sexo oposto. Então, a heteronormatividade não se refere apenas as pessoas normalizadas, mas é uma denominação relevante para o histórico da sexualidade. O seu objetivo é formar todos para serem heterossexuais e planejarem suas vidas a partir do modelo “normal”.

Dentro dos estudos de Butler, ela desenvolveu a teoria da performatividade. “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (BUTLER, 2002, p. 64). Dessa forma, podemos dizer que a teoria da performatividade tenta compreender como a repetição das normas origina ações identitárias que são os resultados dessas repetições. Então, quem tem a ousadia de se comportar de forma diferente destas normas acaba sofrendo preconceitos.

É possível constatar que o propósito desse movimento não visa desqualificar identidades, já que afirmar que não é possível dispensar elas. A teoria *queer* opta por um

processo de desconstrução com a finalidade de atingir um olhar diferenciado para os processos sociais da naturalização. De acordo com Butler, mesmo que a teoria *queer* se oponha aos defensores da noção de identidade, é objetivo dessa teoria não apenas aumentar “a comunidade de ativismo anti-homofóbico”, mas também afirmar que a sexualidade não pode ser resumida a categorias. Nesse contexto, não se deve concluir que a teoria *queer* se oponha a noção de gênero ou ainda que critique quem defende esta maneira de enxergar o mundo. (BUTLER, 2006, P. 72).

A arte Drag Queen

Desde o início da história da humanidade, várias passagens apresentam o ato de se vestir (montar) em *drag*. Além de ser um posicionamento artístico e político, foi um dever cênico determinado pela sociedade vigente. Desde a Grécia clássica até os dias de hoje, homens personificam a figura feminina em diferentes recortes, seja da maneira mais real ou mais estilizada. A *drag queen* sofreu mudanças tanto na aparência como nas atividades, mas nunca perdeu a sua essência – a arte do estranhamento.

No Brasil a arte *drag* começa a se tornar visível nos anos 90. Desde os anos 70 já havia pequenas manifestações, como o grupo de teatro e dança Dzi Croquettes, este trazia elementos que desafiavam a ditadura militar defendendo a causa gay. A cultura transformista brasileira ganhou espaço por meio do humor, com personagens do Chico Anysio, Os Trapalhões e a personagem Vera Verão. A arte transformista hoje está na televisão, no teatro, na música e em *reality shows*. Existem *drags* com carreiras de mais de 28 anos, como a Isabellita dos Patins e a Silvetty Montilla.

Foi com *RuPaul’s Drag Race*, o *reality show* da *drag* norte americana *RuPaul Charles*, em que diversas *drags* competem entre si, que a cultura *drag* ganhou pela primeira vez visibilidade na mídia de massa. RuPaul, famosa por suas canções *pops*, trouxe para a televisão todo o conceito desta arte, a dificuldade das montagens, a beleza da costura, a complexidade das maquiagens e das perucas. Os valores de moda e figurino são de extrema importância na construção do personagem que vai funcionar, desde a parte estética a toda sua performance, como expressão e grito de minoria marginalizada.

É necessário desassociar o raciocínio de que a *drag queen* é uma identidade de gênero. Por mais que a *drag queen* se apresente, a forma artística em si não tem relação direta com o conceito de identidade de gênero ou orientação sexual.

Segundo Jaqueline Gomes de Jesus, em seu guia com título Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos (2012), o gênero consiste na denominação de homem e mulher em seus papéis atribuídos pela sociedade, não estando relacionado com o fator biológico determinado por macho e fêmea. Logo, identidade de gênero seria:

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. (JESUS, 2012, p. 14).

Segundo Jaqueline, a orientação sexual está ligada e é definida pela atração afetivossexual, e distinta da necessidade pessoal do indivíduo pertencer a algum gênero. A autora ainda aponta que a condição de gênero de cada ser humano é definida pela sociedade e pela região, se existe alguma religião envolvida e por diversos fatores ocorridos até mesmo antes do nascimento. Nesse contexto, o reconhecimento do papel do homem e da mulher se distingue em situações culturais distintas.

Como todo movimento social, a cultura *drag* lutou e luta pelo seu espaço na sociedade atual. A representatividade dessa cultura se expandiu agora, porém, todos os dias, enfrenta um forte preconceito.

Surge Pablo Vittar

O nome oficial da artista Pabullo Vittar é Phabullo Rodrigues da Silva, a *drag queen* nasceu em Santa Inês, no estado do Maranhão no ano de 1994. Na escola sofria *bullying* em função da sua voz fina e aos 15 anos idade decidiu assumir sua homossexualidade e recebeu o apoio de sua mãe. Vittar saiu da sua cidade para ir morar em São Paulo, depois mudou-se para Uberlândia, Minas Gerais, local onde se vestiu de mulher pela primeira vez para ajudar uma amiga a fazer a divulgação de um festa. Depois de conhecer o *reality show RuPaul's Drag Race*, Pabullo passou a se identificar com a arte de ser livre de gêneros e começou a realizar performances.

Pabullo Vittar é cantora, compositora, performer e atua como *drag*, e é isso que diferencia o seu trabalho, visto que o cenário ainda é fechado para a área. Ela surgiu na mídia no ano de 2015 através do lançamento do seu primeiro single de sucesso, “Open Bar”, a música é uma versão em português da canção “*Lean On*”, do grupo *Major Lazer*. Desde esta época não parou de emplacar produções e chegou a atingir o topo das listas

virais mais tocadas em variadas plataformas *online*. O sucesso com a música foi tanto que seu EP de estreia foi lançado de forma mais rápida possível. Logo após o material ser lançado, a sua primeira tour teve início e passou por inúmeras festas e shows do país, dando cada vez mais visibilidade e representatividade ao movimento LGBT brasileiro.

Em 2016, ela entrou para a banda do programa Amor e Sexo, da rede globo, onde substituiu Léo Jaime naquela temporada. Em 2017 foi lançado o seu primeiro álbum de estúdio, e recebeu o título de “Vai Passar Mal”, e alcançou a 3º posição no *iTunes* durante a semana de estreia. O álbum mistura o *pop* diversos estilos, como funk, forró, *hip-hop*. E ainda contou com diversas participações, como do *rapper* Rico Dalasam, o membro da banda Uó, Matheus Carrilho. O disco bateu inúmeros recordes e um deles foi alcançar 20 milhões de execuções em aplicativos de música, tornando a cantora a ser a primeira artista *drag* a atingir o feito. O Carnaval de 2017 foi uma grande vitrine para a artista, que estourou no Brasil inteiro com o *hit* “Todo dia”. Pouco tempo depois, emplacou outro sucesso, intitulado “K.O”. Vittar cantou para milhares de pessoas no carnaval de São Paulo, em Salvador, no trio de Daniela Mercury, e no Rio de Janeiro, ao lado de Anitta. Desde então, passou a fazer participação com grandes artistas.

A parceria que alavancou sua carreira internacional foi com Anitta e *Major Lazer*, com a música e videoclipe “Na sua cara”. Lançado no final de julho, o videoclipe possui quase 300 milhões de visualizações no YouTube e foi notícia internacional. Para finalizar o ano de 2017, em setembro, Pabllo dividiu o palco com a cantora americana *Fergie* durante o *Rock in Rio*. Em seguida, alcançou o marco de ter três músicas entre as mais tocadas do Brasil no serviço do *Spotify*.

Sua importância para o mundo artístico e de empoderamento é provado através de suas redes sociais. No *Twitter*, Vittar acumula mais de 700 mil seguidores, 1,8 milhão no *Facebook* e 7 milhões no *Instagram*. A artista também tornou-se a primeira garota-propaganda LGBT da Avon, na campanha “Louca Por Cores”, isto por levantar a bandeira da diversidade sexual e combater a homofobia e o preconceito.

Em abril, a cantora lançou o último dos seis clipes do álbum ‘Vai Passar Mal’. A música lançada teve grande repercussão pelo público e fãs. A cantora estreou no clipe ‘Indestrutível’, o vídeo denuncia o *bullying* e a violência contra jovens LGBTQ+. A música foi escrita pela própria cantora que recorda a dor causada pelo preconceito e homofobia, fazendo um paralelo com a própria trajetória da *drag queen*, e no final conta com uma mensagem positiva de superação.

O clipe é ambientado na memória dolorosa da adolescência cercada pela homofobia ao acompanhar um garoto gay que é perseguido pelos colegas. O vídeo abre com uma cena no banheiro de uma escola. Lá, um jovem tem a cabeça colocada dentro da privada por quatro rapazes. O clipe mostra os desafios de ser fora do padrão, e ainda explana sobre aceitação e respeito ao próximo. A primeira cena traz a informação de que "73% dos jovens LGBTs sofrem *bullying* nas escolas", o dado é atribuído às comissões de Relações Exteriores e de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

No primeiro dia de lançamento, o vídeo teve mais de 2 milhões de acessos, hoje já passa dos 7 milhões. O videoclipe causa impacto na sociedade e mostra a relevância da representatividade, a produção é um sinal de esperança para crianças e adolescentes que sofrem com isso.

Enquanto o público via uma artista sensual nas outras produções, o novo clipe tem um caráter intimista e reflexivo. Na primeira estrofe do novo *single*, Pablo canta: "Eu sei que tudo vai ficar bem / E as minhas lágrimas vão secar / Eu sei que tudo vai ficar bem / E essas feridas vão se curar". No fim, citando título do *single*, termina: "Se recebo dor, te devolvo amor / Se recebo dor, te devolvo amor / E quanto mais dor recebo / Mais percebo que sou / Indestrutível". As músicas que compõe esse álbum são "KO", "Corpo Sensual", "Todo Dia", "Então Vai" e a música título "Vai Passar Mal".

A artista pede através das redes sociais para que as pessoas usem a *hashtag* #tudovai ficar bem para compartilharem suas experiências. Um leilão de um dos vestidos usados por Pablo no videoclipe será realizado. A renda será totalmente revertida a organização não governamental (ONG) Casa 1. A ONG citada é um espaço para atividades educativas e culturais, que visam promover a diversidade cultural e incentivar a produção de conhecimento. Tem o propósito de construir uma programação inclusiva para os diversos públicos que abriga.

Uma análise do vídeo "Opinião sobre Pablo Vittar" – Lorelay Fox

No presente vídeo, Lorelay Fox conta que há um apelo do público para saberem a opinião dela em relação a Pablo Vittar. A *drag* Lorelay acredita que as pessoas tenham curiosidade para ouvir o que ela tem a dizer, visto que há um apelo para ouvir críticas de uma *drag* sobre outra.

O vídeo analisado permite ter uma noção sobre a importância da representatividade. A autora do vídeo ressalta que Pablo Vittar alcançou uma importância

que nenhuma outra *drag* conseguiu alcançar. Vittar ainda segue conquistando espaço na televisão e em toda mídia, e não por ser uma *drag*, mas sim por ser cantora e ter capacidade e talento para isso. A era Pabllo Vittar mostra que as *drags* não precisam chocar apenas pela sua maneira de vestir mas sim pela habilidade de suas funções profissionais.

Para Butler, a teoria feminista presume que existe uma identidade definida da “mulher”.

Mas política e representação são termos polêmicos. Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada. (BUTLER, 2003, p. 18).

No contexto em que a noção de um “sujeito mulher” é questionável, certas particularidades não são fixas, pois se questiona possibilidade de colocar o “sujeito” como candidato a representação.

No segmento do roteiro do vídeo, a *drag* aponta que para um LGBT, indivíduo naturalmente marginalizada, conseguir se enxergar dentro da televisão fazendo sucesso é uma espécie de segurança, de saber que alguém igual a ele pode chegar no topo de uma carreira. Afinal quem se sente representado pela mídia são pessoas brancas e heterossexuais, destaca a Lorelay.

O vídeo apresenta uma matéria da revista *Vogue*, intitulada “O poder do arco-íris”, nessa a autora conta que é através de nomes como Liniker, Pabllo Vittar e Verônica Valentino que a classe conseguiu ter espaço na grande mídia. Desse modo, ainda se instiga ao telespectador LGBT quando que este poderia sonhar em ter uma matéria contemplada em uma revista internacional e elitizada como a *Vogue*. O conteúdo conta com a seguinte chamada: “Elas fazem música com discurso forte, cantam a inclusão e o respeito para derrubar preconceito. Não é transarte, é arte”. Através desta frase e do depoimento de Lorelay Fox percebe-se que as *drags* começam a ser tratadas como pessoas reais.

Lorelay pede o apoio da comunidade em geral, visto que pessoas acusam não se identificar com Pablo Vittar por causa de gostos pessoais. A autora do vídeo ressalta que é injusto e preconceituoso este tipo de colocação, visto que está se vivendo um momento histórico na comunidade LGBT. Esse grupo nunca pode sonhar com parcerias internacionais e visibilidade na mídia, como vem ocorrendo com Pablo Vittar.

Vittar está à frente da comunidade gay, sendo alvo de inúmeros preconceitos para conseguir abrir espaço para o grupo LGBT. Pois ela luta por visibilidade e representatividade para todos. Sobre o clipe “Sua Cara”, a autora do vídeo reconhece que antes mesmo de assistir e avaliar o gosto pessoal do vídeo já se sentia prestigiada por ter uma representante LGBT em um clipe de sucesso internacional.

Lorelay finaliza a sua opinião falando sobre a identidade brasileira na música *drag*, visto que antigamente não existia a valorização nacional. Ressalta a importância dos videoclipes de Pablo Vittar e compara a vitória do sucesso *drag* como uma vitória em Copa do Mundo para as *drags* e pede o apoio de toda a população brasileira para a comunidade LGBT seguir conquistando triunfos.

Conclusão

O artigo apresentado conclui que nos últimos anos inúmeras batalhas foram vencidas pela comunidade LGBT, porém ainda existe outras diversas a serem conquistadas diariamente. Percebeu também que a representatividade *drag* na mídia, mesmo tendo que lidar com o preconceito diariamente, está ganhando espaço e importância da vida dos brasileiros. Desse modo, enxerga-se a importante carreira de Pablo Vittar, que surgiu para dar voz e vez a uma comunidade que foi construída socialmente de forma criminalizada e injusta. A presente pesquisa espera que os benefícios da representatividade sejam cada vez maiores para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

BERLANT, Laurent; WARNER, Michael. **Sexo em Público**. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor) Sexualidades Transgressoras. Barcelona, Içaria, 2002. p.229-257.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 18 p.

FOX, Lorelay. Opinião sobre Pablo Vittar. Sorocaba, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AzE_D5YPP7M>. Acesso em: 13 de out. de 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Brasília: Autor, 2012. 14 p.